



Diferentes sentidos migratórios na região das Guianas: dos movimentos pré-colombianos aos fluxos contemporâneos

Different migratory patterns in the Guianas region: From pre-Columbian movements to contemporary flows

Diferentes sentidos migratorios en la región de las Guayanas: De los movimientos precolombinos a los flujos contemporáneos

Gutemberg de Vilhena Silva ^{1*} ; Stéphane Granger ² 

¹Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá, Brasil.

²Universidade de Guiana Francesa, Cayenne, Guiana Francesa

* Autor correspondente: bgeografo@gmail.com

Resumo

As Guianas, localizadas no nordeste da América do Sul, destacam-se por seu mosaico demográfico e territorial, resultante de fluxos migratórios que conectaram populações indígenas, europeias, africanas e asiáticas. Este estudo investiga, sob uma perspectiva geográfica, como as dinâmicas migratórias influenciaram a configuração territorial das Guianas, com destaque para os contrastes entre o litoral, densamente povoado e economicamente ativo, e o interior, marcado por baixa densidade populacional e ocupações de populações tradicionais em sua maioria. A pesquisa combina revisão bibliográfica e análise de dados empíricos, evidenciando a interação entre população, recursos naturais e transformações espaciais.

Palavras-chave: Demografia, migrações, território, Guianas, ocupação territorial.

Abstract

The Guianas, located in the northeast of South America, stand out for their demographic and territorial mosaic, resulting from migratory flows that have connected Indigenous, European, African, and Asian populations. This study investigates, from a geographical perspective, how migratory dynamics have influenced the territorial configuration of the Guianas, with a focus on the contrasts between the densely populated and economically active coastal areas and the interior, characterized by low population density and the predominant presence of traditional communities. The research combines a literature review with empirical data analysis, highlighting the interaction between population, natural resources, and spatial transformations.

Key words: Demography, migrations, territory, Guianas, territorial occupation.

Recebido: 3 de abril, 2025.

Aceito: 28 de julho, 2025.

Publicado: 11 de outubro, 2025.

Resumen

Las Guayanas, ubicadas en el noreste de América del Sur, se destacan por su mosaico demográfico y territorial, resultado de flujos migratorios que han conectado poblaciones indígenas, europeas, africanas y asiáticas. Este estudio investiga, desde una perspectiva geográfica, cómo las dinámicas migratorias han influido en la configuración territorial de las Guayanas, con énfasis en los contrastes entre la costa, densamente poblada y económicamente activa, y el interior, caracterizado por una baja densidad de población y la presencia predominante de comunidades tradicionales. La investigación combina una revisión bibliográfica con un análisis de datos empíricos, destacando la interacción entre población, recursos naturales y transformaciones espaciales

Palabras clave: Demografía, migraciones, territorio, Guayanas, ocupación territorial.

Introdução

A região das Guianas, localizada no nordeste da América do Sul, caracteriza-se por um mosaico demográfico e territorial singular, moldado por intensas dinâmicas migratórias que, ao longo dos séculos, definiram sua organização espacial. Compreendendo a Guiana Francesa (território ultramarino francês), a República Cooperativa da Guiana, o Suriname e partes do Brasil e da Venezuela, esse espaço se destaca como um ponto de convergência entre os ecossistemas amazônico e caribenho. A região articula relações culturais, econômicas e ambientais em um contexto de interações transfronteiriças e globais, que evidenciam tanto sua singularidade quanto os desafios relacionados à ocupação territorial e à integração socioeconômica.

As migrações desempenharam um papel fundamental na formação da diversidade socioespacial das Guianas. Desde os movimentos indígenas pré-coloniais, marcados pela ocupação ao longo dos rios (Lézy, 2000; Eriksen, 2011), passando pela chegada de europeus e africanos escravizados, até os fluxos pós-abolição que trouxeram trabalhadores asiáticos (Ghosh, 1989; Allen, 2011), além das migrações intra-regionais e dos deslocamentos de refugiados ou migrantes do Oriente Médio e da África Ocidental, as populações moldaram a geografia regional em resposta a diferentes pressões e oportunidades.

Este estudo conecta os movimentos migratórios às dinâmicas territoriais das Guianas, avaliando como os padrões de mobilidade ao longo do tempo configuraram desigualdades e oportunidades na região. A abordagem interdisciplinar combina revisão bibliográfica e análise de dados empíricos, incluindo trabalho de campo, para oferecer uma compreensão aprofundada da complexidade demográfica e espacial das Guianas.

A estrutura do texto organiza-se em quatro seções. Na primeira, analisam-se as migrações indígenas e a organização territorial inicial, com destaque para os rios como eixos estruturantes de mobilidade e subsistência. A segunda explora os impactos da colonização europeia, evidenciando a fragmentação das territorialidades indígenas e a exploração de africanos como mão de obra escrava, especialmente na costa atlântica da região. A terceira aborda os fluxos migratórios asiáticos no período pós-abolição da escravidão, com foco na chegada de trabalhadores indianos, chineses e javaneses e seus impactos na estrutura territorial e econômica das Guianas. Por fim, a quarta seção discute as migrações contemporâneas, como as de haitianos, venezuelanos, brasileiros e naturais do Oriente Médio, analisando como esses movimentos migratórios recentes ampliam as desigualdades espaciais e introduzem desafios como a ocupação desordenada e o impacto sobre serviços urbanos.

Raízes ancestrais: migrações indígenas e organização territorial

A ocupação inicial da região das Guianas remonta há aproximadamente 12.000 anos quando migrações indígenas estabeleceram um padrão territorial caracterizado pelo seminomadismo e pela organização de assentamentos ao longo dos rios (Eriksen, 2011). Esses deslocamentos populacionais estabeleceram uma relação simbiótica entre os povos indígenas e a geografia física do território, favorecendo o transporte, a comunicação e o acesso a recursos naturais (Devèze, 1968).

A ocupação indígena das Guianas está profundamente enraizada em uma geografia singular, que combina vastas florestas tropicais, rios caudalosos e áreas costeiras. Esse contexto moldou estratégias de subsistência, organização social e identidade cultural ao longo de milênios. Povos como os Karib, Arawak, Tupi e Yanomami desenvolveram modos de vida integrados ao ambiente natural, resultando em padrões espaciais únicos e adaptativos.

Os rios, elementos centrais na geografia da região, foram fundamentais para a configuração espacial das Guianas. Além de fornecerem recursos essenciais para a subsistência, como peixes e terras férteis, rios como Essequibo, Maroni e Oiapoque funcionaram como corredores naturais de mobilidade, comunicação e integração cultural. Essas vias fluviais permitiram o estabelecimento de comunidades conectadas e promoveram redes de trocas materiais e imateriais entre diferentes grupos étnicos (Hurault, 1972; Devèze, 1968). Nesse contexto, a espacialidade fluvial desempenhou um papel estrutural, facilitando a circulação de bens, pessoas e ideias.

Os Kaliñas, amplamente distribuídos e pertencentes à etnia Karib, eram conhecidos por sua habilidade em construir canoas, que possibilitavam a navegação em longas distâncias, conectando áreas costeiras a parcelas de zonas interioranas. Já os Aruaques, do mesmo grupo étnico dos Taínos do Caribe, desenvolveram práticas agrícolas nas planícies e vales ribeirinhos, utilizando a fertilidade das terras próximas aos rios para o cultivo de mandioca e outras plantas alimentares. Essas práticas asseguravam a subsistência e contribuíam para a sustentabilidade ambiental, promovendo o manejo dos recursos naturais (Lézy, 2000).

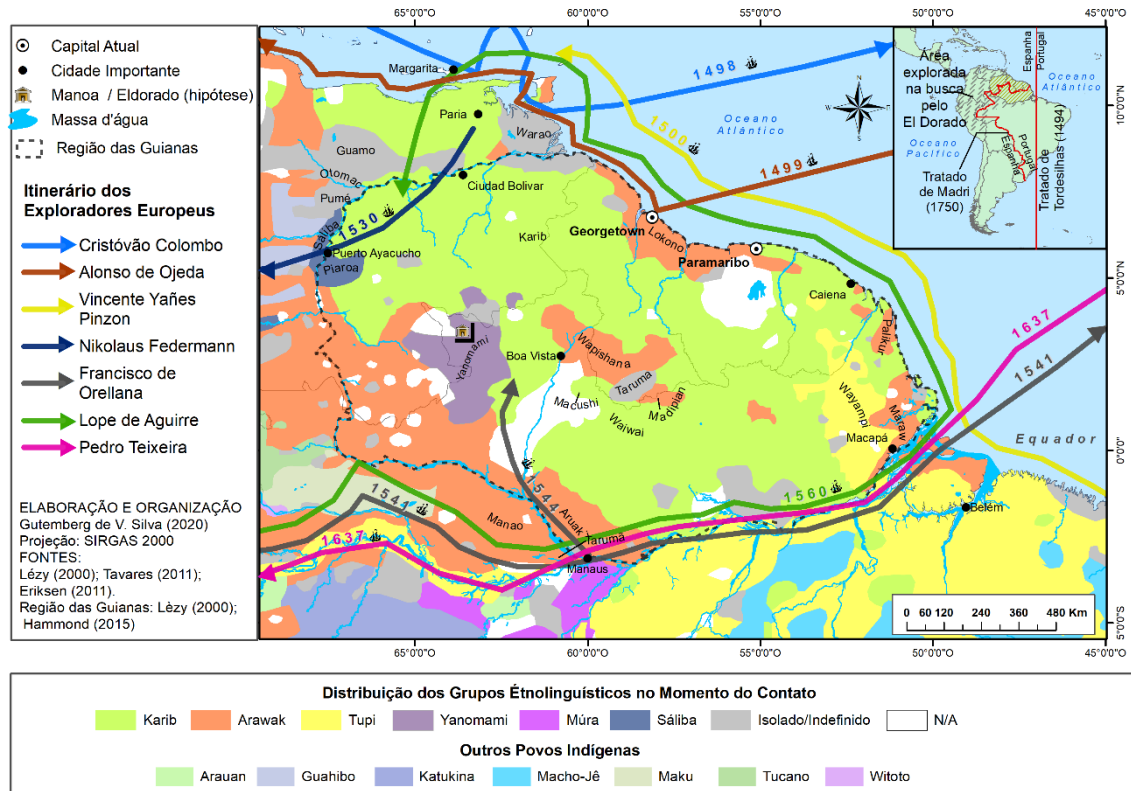
A espacialidade dos povos indígenas também estava profundamente ligada às suas cosmologias e sistemas de conhecimento ecológico. As florestas tropicais, amplamente vistas como espaços de abundância e conexão espiritual, eram exploradas de maneira sustentável para a coleta de recursos como madeira, frutos e plantas medicinais. As áreas costeiras, ricas em

manguezais e recursos aquáticos, eram estrategicamente utilizadas por comunidades que equilibravam atividades agrícolas e pesqueiras.

Impactos territoriais da exploração europeia nas Guianas

A chegada dos colonizadores europeus ao território das Guianas, no século XVI (Figura 1), provocou profundas transformações na organização territorial da região. Motivadas por mitos como o do "El Dorado" (cidade repleta de ouro), as incursões coloniais foram inicialmente marcadas pela exploração predatória e pela apropriação de territórios de povos autóctones, desestabilizando as estruturas sociais e culturais indígenas. Esse processo resultou na reorientação do espaço para atender aos interesses econômicos europeus, com destaque para o litoral, cuja *geografia de recursos naturais* e proximidade com o Atlântico tornaram-se estratégicas para a colonização e as formas de exploração que ocorreram (Silva; Granger, 2021).

Figura 1 – Grupos etnolinguísticos e movimento dos exploradores (séculos XVI e XVII)



Fonte: Silva; Di Miceli, 2024, p. 129

As fronteiras traçadas pelos colonizadores europeus nas Guianas foram estabelecidas com base nos rios que conectavam o interior à costa atlântica (como o Essequibo, o Corentyne, o Maroni e o Oiapoque), configurando-se ao longo de um eixo oeste-leste. Em contraste, os territórios indígenas seguiam um padrão de organização norte-sul, frequentemente delimitados pelas cachoeiras desses mesmos rios, que serviam como vias de comunicação fundamentais para os povos indígenas. Essa divisão territorial imposta pelos colonizadores fragmentou grupos como os Kaliñas e os Aruaques, separando-os entre os diferentes impérios coloniais que compartilhavam a região das Guianas.

Tratados como o de Tordesilhas e o de Madri consolidaram divisões arbitrárias que, em parte, permanecem contestadas até hoje, exacerbando tensões territoriais e culturais (Silva, 2017). Essas fronteiras artificiais ignoraram a lógica espacial nativa, deslocando populações autóctones para o interior. Como resultado, houve uma redução significativa da presença indígena nas áreas costeiras, dificultando a manutenção de práticas culturais e econômicas tradicionais. A exploração colonial reconfigurou profundamente a geografia das Guianas, especialmente nas áreas litorâneas, onde monoculturas de exportação, como açúcar, algodão e café, tornaram-se predominantes. Esse modelo econômico era sustentado pela mão de obra africana escravizada (Figura 2), que desempenhou papel central na consolidação do litoral como eixo econômico e populacional da região.

Figura 2 – Monumentos que representam a escravização de africanos na região das Guianas



Legenda: Monumentos em. Georgetown (1 e 2) e Caiena (3). Fonte: Trabalho de campo, 2021; 2023

A proximidade dos portos atlânticos, aliada à adequação climática e do solo, fez da costa o principal espaço de exploração agrícola. Nas *plantations*, os africanos escravizados eram a força de trabalho essencial, enquanto as populações indígenas foram progressivamente deslocadas para o interior ou exterminadas. Esse processo levou à formação de comunidades afrodescendentes predominantes ao longo da costa, transformando a demografia e a paisagem cultural da região (Silva; Di Miceli, 2024). Enquanto o litoral tornou-se densamente povoado e integrado às redes comerciais globais, o interior permaneceu marginalizado. Esse espaço foi associado às populações

indígenas e afrodescendentes oriundos de escravos fugidos (chamados *quilombolas* no Brasil, e *marrons* ou *maroons* nas Guianas costeiras), que resistiram às pressões coloniais e preservaram práticas culturais e modos de vida tradicionais. No Suriname e na Guiana Francesa, fontes diversas os estimam hoje em quase 20% da população, principalmente em torno do rio Maroni separando o Suriname da Guiana Francesa, sendo eles majoritários na cidade de Saint-Laurent do Maroni, segunda maior cidade da Guiana Francesa em população.

As missões religiosas concentraram populações indígenas em aldeamentos, alterando padrões tradicionais de mobilidade e promovendo a assimilação cultural, o que redesenhou a ocupação territorial nas Guianas. Essas iniciativas visavam catequizar populações indígenas e promover sua assimilação cultural. Ao concentrar essas populações, as missões reforçaram o domínio colonial e redesenharam o mapa humano das Guianas. As transformações que tal iniciativa imprimiu deixaram marcas profundas que persistem até hoje.

A herança afrodescendente é visível não apenas na cultura regional, mas também na estrutura socioeconômica das zonas costeiras. Enquanto isso, o interior, menos povoado, permanece um espaço de resistência e preservação cultural, como demonstrado pelas comunidades indígenas e quilombolas que mantêm suas tradições apesar das pressões externas. Essas dinâmicas territoriais e sociais, moldadas pela exploração colonial, formaram as bases das sociedades que emergiram na região das Guianas entre os séculos XVI e XVIII.

Com a abolição da escravidão, o fim do trabalho compulsório desestruturou o modelo agrário colonial, permitindo novas formas de organização econômica. A introdução do trabalho assalariado tornou-se central nesse processo, atendendo às demandas do capitalismo global e promovendo a reconfiguração das relações sociais e territoriais na região

Trabalho assalariado e reconfiguração territorial e econômica das Três Guianas

A partir do século XIX, com o fim da escravidão nas colônias europeias das Guianas, iniciou-se um novo ciclo migratório fundamentado no trabalho assalariado. Nesse cenário, trabalhadores indianos, chineses e javaneses foram trazidos para as três Guianas (Guiana Francesa, Suriname e República Cooperativa da Guiana), atendendo à crescente demanda por mão de obra nas plantações. Já no século XX, fluxos migratórios de brasileiros introduziram novas dinâmicas regionais. Esses movimentos não só responderam às necessidades econômicas locais, mas também desencadearam transformações territoriais e culturais, estabelecendo as Guianas como um mosaico de diversidade étnica e um ponto de convergência global.

Os fluxos de trabalhadores indianos, chineses e javaneses foram fundamentais para a formação das bases econômicas e sociais das áreas litorâneas, consolidando-as como polos produtivos e demograficamente variados. Por outro lado, os fluxos migratórios mais recentes de brasileiros reforçam a centralidade das dinâmicas migratórias na região, ao mesmo tempo que destacam os desafios relacionados à integração territorial e à sustentabilidade ambiental.

Indianos, Chineses e Javaneses na Geografia Econômica das Três Guianas

As migrações indianas, chinesas e javanesas, iniciadas no século XIX, estão profundamente vinculadas à transição econômica e social pós-abolição nas colônias europeias. Esses movimentos migratórios foram facilitados pela presença das potências coloniais britânica, holandesa e francesa, tanto na Ásia quanto na América do Sul e no Caribe.

O modelo de trabalho assalariado se destacou especialmente nas três Guianas, onde os trabalhadores migrantes supriram a escassez de mão de obra nas plantações de açúcar, algodão e outras culturas destinadas à exportação. Esse processo transformou as áreas costeiras em espaços produtivos, criando uma extensão continental do Caribe insular e promovendo a introdução de uma significativa presença muçulmana, especialmente no Suriname e na República da Guiana. Por esse motivo, há organismos internacionais como o Banco Islâmico de Desenvolvimento e a Organização da Cooperação Islâmica nestes dois países mencionados (Granger, 2016).

Essa configuração migratória diversificada permitiu a formação de uma região marcada pela contribuição de diferentes grupos étnicos. As migrações indianas, chinesas e javanesas (Figura 3), embora com trajetórias distintas, compartilharam o mesmo contexto de adaptação ao novo modelo de trabalho assalariado e a transformação das áreas costeiras das Guianas.

Indianos: Entre 1838 e 1917, milhares de trabalhadores indianos migraram sob contratos de trabalho, principalmente para a Guiana britânica. Estabelecendo-se próximos às plantações açucareiras, os indianos transformaram o litoral em um espaço economicamente ativo e culturalmente segmentado (Smith, 1959). Suas comunidades preservam elementos culturais e religiosos, evidenciando resiliência e relevância regional. Os indianos são hoje estimados em 30 a 40% da população da República da Guiana e do Suriname, constituindo em ambos os casos o primeiro grupo étnico e em concorrência e até rivalidade política com os afro-descendentes.

Chineses: Inicialmente associados às atividades comerciais e urbanas, os chineses dinamizaram as economias costeiras. Posteriormente, migraram para cidades pequenas e médias, onde consolidaram sua influência no comércio local, impulsionados por investimentos contemporâneos da China (Ho, 1989; Emmer, 1990). Hoje são estimados em aproximadamente 5% no Suriname e

na Guiana Francesa, número que pode parecer fraco em relação às suas importâncias na economia de ambos os territórios.

Javaneses: Levados pela administração holandesa ao Suriname, os javaneses desempenharam um papel vital na diversificação agrícola, introduzindo o cultivo de arroz e práticas de subsistência. Estabeleceram comunidades coesas, moldando o interior do Suriname e posteriormente contribuindo para a cultura do arroz na Guiana Francesa (Emmer, 1986; Granger, 2016). Hoje constituem aproximadamente 15% da população do Suriname.

Figura 3 – Monumentos que destacam a presença indiana, chinesa e javanesa nas três Guianas



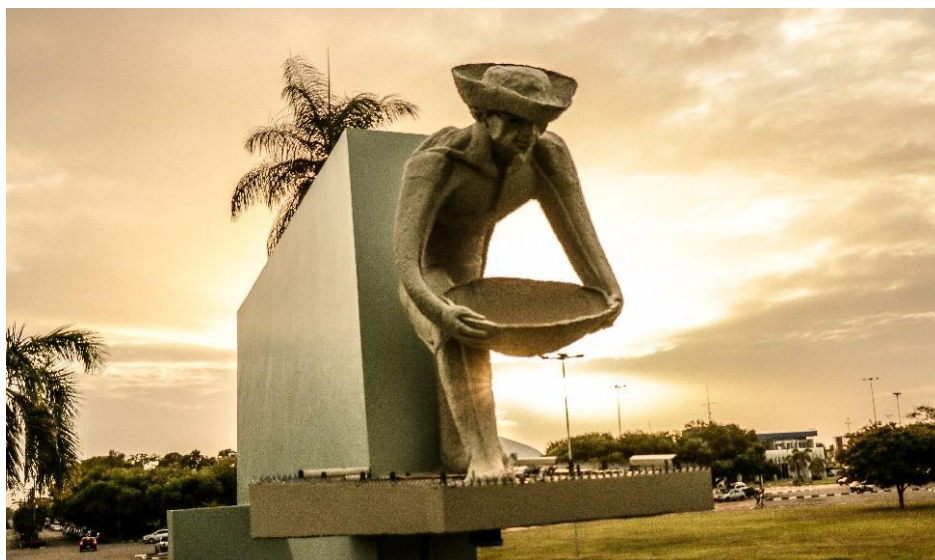
Legenda: Monumentos em. Paramaribo (1 e 3) e Georgetown (2). Fonte: Trabalho de campo, 2021; 2023

Ao longo das décadas, a integração de indianos, chineses e javaneses às sociedades das Guianas ilustra um processo de adaptação mútua, contribuindo para a construção de identidades nacionais complexas, que combinam influências locais e globais.

O movimento garimpeiro e a espacialidade brasileira nas Guianas

No século XX, especialmente a partir da década de 1990, um fluxo migratório significativo de brasileiros começou a impactar a região das Guianas. Motivados pela exploração de recursos minerais e, no caso da Guiana Francesa, pela participação em projetos de infraestrutura, como o Centro Espacial de Kourou e a construção de pontes, prédios e estradas, esses migrantes reconfiguraram a geografia econômica da região e intensificaram tensões territoriais. Oliveira (2013) e Le Tourneau (2020) destacam que os brasileiros, frequentemente associados ao garimpo (Figura 4), provocaram mudanças na urbanização de áreas periféricas e em conflitos ambientais e diplomáticos.

Figura 4– Monumento em Boa Vista, Roraima (Brasil) em alusão à atividade garimpeira nas Guianas



Fonte: Trabalho de campo, 2023

Com uma mobilidade territorial diversificada, os migrantes brasileiros combinam ocupações informais urbanas com incursões em áreas remotas, muitas vezes associadas ao garimpo. Essas atividades, conforme Le Tourneau (2020), geraram tensões significativas com populações locais devido aos impactos ambientais, como a contaminação de rios por mercúrio, e aos desafios relacionados à governança de territórios fronteiriços, onde os brasileiros, em alguns casos, se tornaram a maioria, como no lado francês do rio Oiapoque. Fontes associativas e diplomáticas estimam a população brasileira entre 10 a 15% da população do Suriname e da Guiana Francesa, nas cidades costeiras e nos garimpos do interior, mas majoritariamente na cidade franco-guianense de Saint-Georges, fronteira do Brasil. Esses movimentos ilustram as complexas relações entre migrações contemporâneas, exploração econômica e políticas ambientais nas Guianas e estimulam a adoção de políticas de cooperação transfronteiriça.

Crises e novas migrações na Região das Guianas

Nos últimos anos, as Guianas consolidaram-se como um espaço de intensificação migratória, impulsionado por crises políticas, econômicas e ambientais em várias partes do mundo. Esses movimentos populacionais reconfiguram profundamente o território, especialmente em áreas urbanas e fronteiriças como Oiapoque e Caiena, respectivamente, reforçando dinâmicas que mesclam integração, tensão territorial e desigualdades socioeconômicas. Os principais fluxos contemporâneos envolvem haitianos, venezuelanos e refugiados oriundos de regiões como o Oriente Médio (Síria e Afeganistão, principalmente).

Haitianos: A vulnerabilidade econômica no Haiti, agravada por desastres naturais como o furacão Jeanne em 2004, o terremoto de 2010 e o furacão Matthew em 2016, tem intensificado os fluxos migratórios (Audebert, 2017). Após 2010, o Brasil acolheu cerca de 160 mil haitianos, enquanto a Guiana Francesa recebeu 40 mil, o Suriname 15 mil e a República Cooperativa da

Guiana 8 mil, facilitados pela pertença do Haiti ao Mercado Comum do Caribe (CARICOM). No final da década de 2010, haitianos continuaram a chegar à Guiana Francesa via Suriname e Brasil, utilizando pedidos de asilo político para evitar expulsões. Isso contribuiu para o crescimento de bairros informais em cidades como Caiena e Saint-Laurent (Joseph, 2020). Mesmo com o fechamento de fronteiras durante a pandemia, travessias clandestinas pelos rios Maroni e Oiapoque persistiram.

Venezuelanos: A migração venezuelana está relacionada à crise político-econômica que afeta o país há mais de uma década. Vaz (2017) identifica fatores como perda de legitimidade do regime, deterioração econômica e crise social, que tornam as fronteiras venezuelanas vulneráveis. Refugiados deixam o país por rotas terrestres, como Pacaraima, no Brasil, e seguem para cidades maiores ou outras partes das Guianas via Bonfim. Alternativamente, utilizam o rio Cuyuní para cruzar até Ethingbang, na Guiana, ou optam por rotas marítimas até Mabaruma. Parte desses fluxos atinge o Suriname e a Guiana Francesa.

Outros Fluxos Globais: A migração de refugiados sírios e afegãos intensificou-se nos últimos anos, com entradas pelo Brasil, Venezuela e Suriname, em busca de asilo na Guiana Francesa. A crise econômica no Brasil redirecionou muitos desses migrantes para o território francês devido à sua conexão com a União Europeia. Assim como outros refugiados de países como Lêmen e Palestina, buscam a Guiana Francesa como porta de entrada para a Europa. Desde a década de 2020, o número de afegãos cresceu expressivamente, assim como os fluxos de cubanos e africanos do Saara Ocidental, Senegal e Guiné-Bissau, passando geralmente pelo Brasil. Contudo, os desafios relacionados à moradia e ao suporte adequado durante o processamento das solicitações de asilo persistem. As chegadas contínuas, mas em diminuição, compensadas pelas partidas para a França e a União Europeia tornam difícil uma estimativa,

mas sabe-se que várias centenas de refugiados chegaram em Caiena desde o final da década de 2010.

Esses fluxos colocam as Guianas, historicamente isoladas, no centro de dinâmicas geopolíticas e migratórias globais, refletindo os conflitos do século XXI.

Impactos e reconfigurações territoriais nas Guianas cinco séculos depois

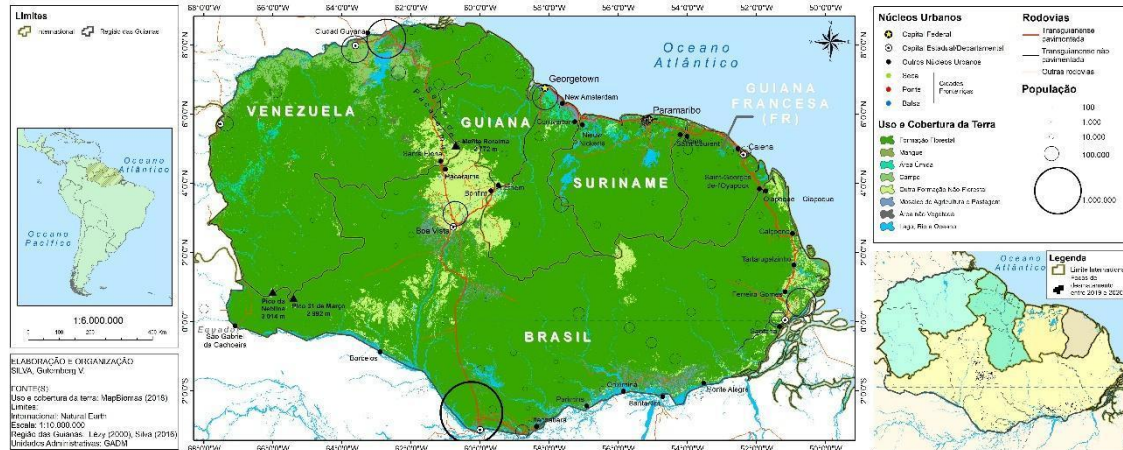
Os fluxos migratórios historicamente moldaram a ocupação desigual das Guianas, com a concentração demográfica e econômica no litoral, enquanto o interior permanece caracterizado por baixa densidade populacional e ocupações tradicionais. A sobreposição de rotas migratórias — conectando povos originários, europeus, africanos, asiáticos e grupos recentes, como haitianos, venezuelanos, sírios, afegãos e africanos — evidencia os legados coloniais e os desafios de integração territorial na modernidade.

A configuração atual das Guianas (Figura 5) demonstra a interação entre fluxos populacionais, dinâmicas socioeconômicas e características geográficas como distribuição ao longo dos rios e a influência do relevo. Contudo, limitações estruturais, associadas à ausência de políticas efetivas de integração e à mitigação de impactos ambientais, intensificam desigualdades territoriais. Uma gestão territorial integrada, baseada na cooperação transfronteiriça e na sustentabilidade, é essencial para enfrentar os desafios de uma mobilidade global crescente.

As bordas norte e sul das Guianas destacam-se como polos de desenvolvimento econômico e de concentração populacional, resultado de dinâmicas históricas e contemporâneas de ocupação. No período colonial, o sistema de *plantations* estruturou a configuração territorial das Guianas. Essa economia baseava-se na mão de obra africana escravizada e, no século XIX, foi

complementada pela chegada de trabalhadores asiáticos, como indianos, chineses e javaneses.

Figura 5 – Geografia regional das Guianas hoje (2024)



Nos séculos XX e XXI, fluxos migratórios contemporâneos, como os de haitianos e venezuelanos, reforçaram a centralidade econômica e populacional do litoral, ao mesmo tempo que intensificaram desigualdades espaciais. O interior, por sua vez, continua marginalizado, caracterizando-se por baixa densidade populacional e atividades econômicas predominantemente ligadas ao extrativismo e à mineração. Essa desigualdade espacial reflete tanto os legados coloniais quanto a ausência de políticas públicas eficazes para o desenvolvimento regional e a mitigação dos impactos socioambientais.

Além das pressões migratórias, as atividades econômicas no interior, como o garimpo ilegal, têm agravado os impactos ambientais. A contaminação de rios por mercúrio, o desmatamento e a perda de biodiversidade afetam diretamente comunidades indígenas e quilombolas, que dependem dos recursos naturais para sua subsistência e fortalecimento cultural. Esses danos ambientais intensificam a vulnerabilidade socioterritorial dessas populações, evidenciando a necessidade urgente de políticas públicas que preservem o meio ambiente e regulem a exploração econômica.

Os povos indígenas enfrentam desafios adicionais, como violência, deslocamento forçado e perda de autonomia, o que agrava sua marginalização. Fontes diversas apontam que a população indígena representa entre 4% e 10% nas Guianas costeiras (República da Guiana, Suriname e Guiana Francesa), percentual também observado em grande parte da Guiana brasileira (constituída dos estados do Amazonas, Roraima e Amapá) e da Guiana venezuelana, especialmente nos estados de Bolívar e Amazonas, ao sul do rio Orinoco.

Essas populações vivem em comunidades próprias, espalhadas pelo litoral e pelo interior, mas cada vez mais presentes nas cidades costeiras e centros regionais, impulsionadas por fatores econômicos, escolares e pela busca de acesso a políticas públicas. Esse deslocamento evidencia uma integração crescente dentro de sociedades ainda amplamente dominadas por afrodescendentes e indo-descendentes, revelando tensões entre inserção urbana e a preservação da autonomia e identidade indígena.

Contudo, sua resistência à degradação de seus territórios tem estimulado a emergência de organizações políticas indígenas cada vez mais articuladas. Exemplos incluem a Amerindian Peoples Association (APA) na República da Guiana, a Fédération des Organisations Autochtones de Guyane (FOAG) na Guiana Francesa, a Association of Indigenous Village Leaders in Suriname (VIDS) no Suriname, a ORPIA (Organización Regional de Pueblos Indígenas de Amazonas) na Venezuela e a COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira) no Brasil. Essas organizações reivindicam direitos territoriais e denunciam os impactos socioambientais da exploração descontrolada, destacando-se como importantes agentes de mudança. Vale ressaltar que na Guiana Francesa, autóctones e *marrons*, com problemáticas comuns, constituíram um *Grand conseil coutumier* a pedido das autoridades locais para coordenar suas reivindicações próprias frente aos poderes estadual e nacional, principalmente em relação à propriedade do solo.

Conclusão

As Guianas configuram-se como uma região de notável diversidade demográfica e complexidade territorial, marcada por ciclos históricos de migração e pelas tensões inerentes à coexistência de múltiplos grupos étnicos. A interação entre populações indígenas, descendentes de africanos, trabalhadores asiáticos, migrantes contemporâneos e comunidades locais moldou um mosaico único, que evidencia tanto as oportunidades de miscigenação quanto as fragmentações espaciais que reforçam desigualdades sociais e econômicas.

As dinâmicas de ocupação costeira, intensificadas desde o período colonial, contrastam com a marginalização do interior, caracterizado por disputas pelo uso de recursos naturais, degradação ambiental e dificuldades de integração. Nesse cenário, os fluxos migratórios contemporâneos, especialmente de haitianos, venezuelanos, brasileiros e naturais do Oriente Médio, introduzem novos desafios à gestão territorial e ressaltam a urgência de políticas públicas que promovam não apenas a integração populacional, mas também a sustentabilidade ambiental e a justiça social.

Além das dinâmicas migratórias, a singularidade das Guianas reside na sua posição estratégica como interface entre a Amazônia, o Caribe e a Europa. República da Guiana e Suriname são membros da Organização dos Estados Caribenhos e do CARICOM, bem como da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica e da UNASUL. Por meio de sua parceria com a Guiana Francesa, também participam de programas de cooperação da União Europeia, como o PCIA, em conjunto com os estados brasileiros do Amapá, Pará e Amazonas.

Entretanto, as Guianas também enfrentam as consequências de conflitos geopolíticos mais distantes, atuando como refúgio para pessoas perseguidas do Caribe, do Oriente Médio e da África, frequentemente

passando pelo Brasil. Isso reflete sua crescente inserção na globalização econômica e geopolítica, bem como a resiliência de suas populações diante de desafios históricos e contemporâneos.

O enfrentamento dessas questões exige estratégias cooperativas e inovadoras, capazes de harmonizar as especificidades culturais e territoriais com a necessidade de um desenvolvimento inclusivo e sustentável. Assim, as Guianas permanecem um "laboratório vivo" de interações globais, cujo futuro dependerá da capacidade de conciliar diversidade e equidade em um contexto de intensas transformações socioeconômicas e ambientais.

Referências

ALLEN, P. Javanese cultural traditions in Suriname. **Review of Indonesian and Malaysian Affairs**, v. 45, n. 1/2, p. 199–223, 2011.

ANDRADE, G. A Guerra Civil Síria e a condição dos refugiados: um antigo problema 'reinventado' pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade internacional. **Revista de Estudos Internacionais**, v. 2, n. 2, 2011. (A paginação original de '2236-4811' parece ser o ISSN da revista, não as páginas. Seria necessário confirmar a paginação correta, se houver).

AUDEBERT, C. The recent geodynamics of Haitian migration in the Americas: refugees or economic migrants? **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, n. 1, p. 55–71, 2017.

DEVÈZE, M. **Les Guyanes**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

EMMER, P. C. **Colonialism and Migration: Indentured Labour Before and After Slavery**. Amsterdã: Kluwer Academic Publishers, 1986.

EMMER, P. C. Immigration into the Caribbean: The Introduction of Chinese and East Indian Indentured Labourers Between 1839 and 1917. **Itinerario**, v. 14, n. 1, p. 61–95, 1990.

ERIKSEN, L. **Nature and Culture in Prehistoric Amazonia: Using GIS to reconstruct ancient ethnogenetic processes from archaeology, linguistics, geography, and ethnohistory**. Tese (Doutorado) – Lund University, Human Ecology Division, Lund, 2011.

GHOSH, A. The Diaspora in Indian Culture. **Public Culture**, v. 2, n. 1, p. 73–78, 1989.

GRANGER, S. Intégrations régionales et diversification des flux migratoires dans les mondes caribéen et amazonien: la Guyane entre ouverture et isolement. In: COLLOMB, G.; MAM LAM FOUCK, S. (dir.). **La Guyane entre Surinam et Brésil: mobilités, ethnicités, diversité culturelle**. Matoury: Ibis Rouge, 2016. p. 25-47.

HO, C. Hold the Chow Mein, Gimme Soca: Creolization of the Chinese in Guyana, Trinidad, and Jamaica. **Amerasia Journal**, v. 15, n. 2, p. 3-25, 1989.

HURAUULT, J. M. **Français et Indiens en Guyane, 1604-1972**. Paris: Éditions 10/18, 1972.

JOSEPH, H. O sistema migratório haitiano nas Guianas: para além das fronteiras. **Diálogos**, v. 24, n. 2, p. 228–258, 2020.

LE TOURNEAU, F. M. **Chercheurs d'or: l'orpaillage clandestin en Guyane française**. Paris: CNRS Éditions, 2020.

LÉZY, E. **Guyane Guyanes: une géographie "sauvage" de l'Orénoque à l'Amazone**. Paris: Belin, 2000.

OLIVEIRA, R. S. **Mobilidades transgressoras, geografias ignoradas**: itinerários e emaranhamentos envolvendo territorialidades de garimpeiros no Suriname. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SILVA, G. V. Litiges transfrontaliers sur le plateau des Guyanes: enjeux géopolitiques à l'interface des mondes amazoniens et caribéens. **L'Espace Politique**, n. 31, p. 1–27, 2017.

SILVA, G. V.; DI MICELI, C. V. **A região das Guianas: território, histórica, cultura**. Porto Alegre: Letra 1, 2024.

SILVA, G. V.; GRANGER, S. Territorial Formation of the Guianas Region. **Revista Ra'e Ga: Espaço Geográfico em Análise**, v. 52, p. 42–59, 2021.

SMITH, R. T. Some social characteristics of Indian immigrants to British Guiana.

Population Studies: A Journal of Demography, v. 13, n. 1, p. 34–39, 1959.

VAZ, A. C. A crise venezuelana como fator de instabilidade regional: perspectivas sobre seu transbordamento nos espaços fronteiriços. **Centro de Estudos Estratégicos do Exército**, v. 3, n. 3, p. 1–7, 2017.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Instituto de Estudos Socioambientais. Programa de Pós-graduação em Geografia. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Contribuição dos autores

Todos os autores ofereceram substanciais contribuições científicas e intelectuais ao estudo. As tarefas de concepção e design do estudo, preparação e redação do manuscrito, bem como revisão crítica, foram desenvolvidas em grupo. O primeiro autor, Gutemberg de Vilhena Silva, ficou especialmente responsável pela aquisição e tabulação dos dados e análise. O segundo autor, Stéphane Granger, pelo desenvolvimento teórico-conceitual e suas interpretações e pelos procedimentos técnicos. Declaramos ainda ciência das Diretrizes Gerais do BGG.

Gutemberg de Vilhena Silva. Graduação, Mestrado e Doutorado em Geografia. Experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Política e Regional, trabalhando principalmente nos seguintes temas: Geografia Política, Relações internacionais e Transfronteiriças dos países que compõem as Guianas (Brasil, Venezuela, República Cooperativa da Guiana, Suriname e França/Guiana Francesa). Criou e coordena o grupo de pesquisa Políticas Territoriais e Desenvolvimento (POTEDES, <https://www2.unifap.br/potedes/>).

Stéphane Granger. Doutor em Geografia, professor e pesquisador na Universidade de Guiana Francesa (laboratório MINEA) e no Liceu Melkior-Garré de Caiena. Possui uma vasta experiência em estudos de fronteiras e relações transfronteiriças, focando principalmente na dinâmica de circulação e comércio na região fronteiriça entre o Brasil e a Guiana Francesa. Seu trabalho se destaca pela análise das questões geopolíticas da região e pela contribuição ao entendimento das interações entre os países envolvidos